



## EDUCAÇÃO TRANSGRESSORA: PRÁTICAS DO INSTITUTO LIVMUNDI PARA DESPERTAR A CONSCIÊNCIA SOCIOAMBIENTAL

*Luciane Pereira Coutinho\**

Instituto LivMundi, Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

\*Autor Correspondente (e-mail:[luciane@livmundi.com](mailto:luciane@livmundi.com))

*Ana C.C. Lavaquial*

Instituto LivMundi, Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

(e-mail:[analavaquial@livmundi.com](mailto:analavaquial@livmundi.com))

*Letícia Eloy Tourinho*

Instituto LivMundi, Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

(e-mail:[leticia@livmundi.com](mailto:leticia@livmundi.com))

**Resumo:** O artigo discute a necessidade de repensar a educação diante da crise socioambiental e climática. Destaca a importância de uma abordagem educacional transformadora e transgressora, que enfatize a interdependência entre os seres humanos e a natureza. O artigo argumenta que é preciso repensar o modelo educacional atual, de forma a promover uma educação crítica e transformadora, que contribua para enfrentar os desafios socioambientais do presente e do futuro, através de metodologias que privilegiam experiências dos participantes para buscar o bem-estar amplo a partir dos indivíduos. Nesse sentido, apresenta o Instituto LivMundi<sup>1</sup>, organização do terceiro setor que desperta a consciência crítica socioambiental de jovens e educadores a partir de iniciativas de educação transformadora, como as suas Jornadas de Aprendizagem. Além disso, o artigo enfatiza a importância de empoderar esses jovens como sujeitos e agentes de transformação, com o propósito de difundir valores e crenças dessa nova consciência em seu território de pertencimento por meio da comunicação, artes e entretenimento.

**Palavras-chave:** Educação. Sustentabilidade. Comunicação. Instituto LivMundi. Socioambiental.

**Abstract:** The article discusses the need to rethink education in the face of the socio-environmental and climate crisis. It highlights the importance of a transformative and transgressive educational approach that emphasizes the interdependence between humans and nature. The article argues that it is necessary to reconsider the current educational model in order to promote critical and transformative education that contributes to addressing the socio-environmental challenges of the present and the future. This can be achieved through methodologies that prioritize participants' experiences to pursue comprehensive well-being from individuals. In this sense, it presents the LivMundi Institute, a non-profit organization that raises socio-environmental critical awareness among young people and educators through transformative education initiatives, such as its Learning Journeys. Additionally, the article emphasizes the importance of empowering these young individuals as subjects and agents of change, with the purpose of spreading the values and beliefs of this new awareness in their belonging territory through communication, arts, and entertainment.

**Keywords:** Education. Sustainability. Communication. Instituto LivMundi. Socio-environmental.

<sup>1</sup> Instituto LivMundi. [www.livmundi.org](http://www.livmundi.org).

---

## 1. Contexto e emergência climática

*Como justificar que somos humanos se mais de 70% estão totalmente alienados do mínimo exercício de ser? A modernização jogou essas pessoas do campo e da floresta para favelas e periferias para se tornarem trabalhadores nos centros urbanos. Essas pessoas foram arrancadas de seus coletivos, de seus lugares de origem, e jogadas nesse liquidificador chamado humanidade. Se as pessoas não tiverem laços profundos com a memória ancestral, com as referências que sustentam uma identidade, vão enlouquecer nesse mundo louco que compartilhamos.*

(Krenak, 2019)

Apesar de ter alcançado alguns acordos ao longo de mais de cinquenta anos de pesquisa e inúmeras conferências sobre o clima, como o Acordo de Paris<sup>2</sup> e o estabelecimento dos ODS<sup>3</sup> (Objetivos de Desenvolvimento Sustentável da ONU), as metas climáticas ainda estão longe de serem alcançadas. Segundo o IPCC - Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas (IPCC, 2018), para estabilizar a situação atual, seria necessário retirar da atmosfera vinte e seis gigatoneladas de gases de efeito estufa e restaurar habitats degradados. Caso contrário, as temperaturas subirão até 1,5°C, resultando no colapso da biodiversidade e colocando em risco a sobrevivência humana. Outro fator crítico desse debate é que a crise climática é também uma crise social, pois as populações mais pobres são as primeiras a serem impactadas pelas emergências da situação.

O desejo global e estrutural de “progresso” baseado no crescimento econômico é o motor dos governos e organizações que tecem nossos estilos de vida. Entretanto, o acesso a evidências e informações, como as apresentadas pelo IPCC, nos incita a um olhar mais crítico e responsável sobre nossas escolhas, individual e coletivamente. No entanto, a emergência do clima está corriqueiramente relacionada a posicionamentos ideológicos em que os grupos mais conservadores, ou aqueles que vivem em situação mais privilegiada, muitas vezes respondem a uma necessidade coletiva de mudança a um sentimento de perda de privilégio e status quo (Gidron & Hall, 2020; Lübke, 2022). Somado a isso, os sistemas de produção são desenhados para amplificar as disparidades econômicas, influenciando diretamente como algumas populações são afetadas pelas mudanças climáticas. De acordo com Oxfam<sup>4</sup>, os 10% mais ricos do mundo produzem metade das emissões de carbono, enquanto os 3,5 bilhões mais pobres contribuem com apenas 10%.

O conceito de justiça climática nos convida a revisitar as evidências históricas que mostram que certas nações são altamente mais poluentes do que outras. Ao mesmo tempo, os mais vulneráveis sofrem mais consequências e impactos das emergências climáticas. Apartheid, gentrificação climática e refugiados climáticos são cenários que delineiam o efeito desproporcional sobre grupos marginalizados e minoritários. E esse cenário não é diferente

---

<sup>2</sup> <https://unfccc.int/process-and-meetings/the-paris-agreement/the-paris-agreement>

<sup>3</sup> <https://sdgs.un.org/goals>

<sup>4</sup> Os 10% mais ricos do mundo produzem metade das emissões de carbono, enquanto os 3,5 bilhões mais pobres respondem por apenas um décimo

---

no Brasil e a cidade do Rio de Janeiro é um espelho desta realidade. Cerca de 2 milhões de pessoas – dos 6,32 milhões de moradores da cidade – vivem em 763 favelas espalhadas pela cidade, onde são sentidas as consequências mais severas de temporais e deslizamentos de terra (Meirelles, 2014). No entanto, como Marion et al. (2022, p.172) apontam, "para essas comunidades, o problema da mudança climática não é simplesmente um problema de emissões de gases de efeito estufa; ao contrário, é um problema de injustiça. Abordado através de uma lente relacional, a mudança climática não é um fenômeno surpreendente nem novo: é o resultado inevitável do desrespeito humano por outros parentes." Então, como despertamos nosso sentimento de pertencimento a este planeta, nossa coletividade - com humanos e não humanos - por meio da educação?

## **2. Educação ambiental, educação para o desenvolvimento sustentável e educação para mudanças climáticas**

*As abordagens conservadoras são caracterizadas pelo banco de conhecimento, centradas em especialistas e vendo os alunos como receptores passivos.*

*Abordagens liberais são caracterizadas por indivíduos autodirigidos que buscam crescimento, vendo os alunos como "aprendendo a aprender" e muitas vezes são neutros em questões de poder.*

*As abordagens transformacionais, no entanto, são caracterizadas pela reflexão e ação coletiva, especialmente por aqueles que são (ou se sentem) oprimidos, e estão preocupados com a mudança das relações de poder e a transformação dos sistemas socioeconômicos.*

(Taylor, 2008)

Pizmony-Levy (2011) apresenta diferentes perspectivas sobre a abordagem da educação ambiental, especialmente considerando a influência das organizações de educação ambiental (EEOs<sup>5</sup>) na promoção do tema. As EEOs são em sua maioria Organizações Não Governamentais (ONGs) que muitas vezes oferecem a maneira mais fácil de implementar a educação ambiental diante dos desafios burocráticos e políticos que interferem no sistema educacional tradicional. Além disso, a educação relacionada às mudanças ambientais ou climáticas são normalmente vistas como menos importantes diante dos problemas complexos que o sistema educacional tradicional enfrenta em sua rotina, especialmente nos países em desenvolvimento, somado à pressão por resultados analíticos. Além disso, muitas vezes os professores não estão preparados para abordar o tema, não só porque não tiveram o tempo necessário para o aprofundamento de um tema transversal complexo, mas principalmente porque é uma abordagem que requer profundas transformações no aluno. Assim, uma experiência envolvente e imersiva "baseada em estruturas multidisciplinares e interdisciplinares, não poderia caber dentro dos limites disciplinares comuns que separam ciências naturais,

---

<sup>5</sup> Environmental Education Organizations, em inglês

---

ciências sociais e humanidades" (Pizmony-Levy, 2011, p. 601), influenciando as identidades dos alunos para toda a sua vida.

Um dos exemplos mais significativos de aprendizagem transformadora vem do Movimento dos Direitos Civis de Nashville e sua estratégia de enfrentamento usando a filosofia de não-violência Satyagraha, base do movimento de independência da Índia liderado por Mahatma Gandhi. A maioria dos ativistas do Movimento dos Direitos Civis de Nashville vieram de uma realidade violenta e a mudança de atitude só foi possível graças aos processos educacionais transformadores que viveram dentro do movimento. Consideradas pelos estudiosos o "coração estratégico" das conquistas alcançadas, as oficinas de Lawson, como ficaram conhecidos os *workshops* e treinamentos conduzidos pelo professor e ativista James Lawson, afetaram profundamente a vida pessoal dos ativistas – mesmo para além da existência do movimento em si (Isaac, 2012).

Pizmony-Levy (2011) também apresenta duas abordagens para abordar a educação ambiental - uma focada em uma abordagem de cultura global liderada pela educação internacional, como a UNESCO e o PNUMA, em um processo de cima para baixo. Nesse caso, as responsabilidades são desenvolvidas em nível global e posteriormente adotadas por indivíduos e nações. Em outra perspectiva, a iniciativa usa as condições locais para construir uma cultura que traduz ideias globais apropriadas em realidades locais (Pizmony-Levy, 2011). Nessa abordagem, desenvolver nos alunos o senso de cidadania é fundamental para despertar os valores e crenças ambientais, criando vínculos de cuidado e responsabilidade com o território. Além disso, esse sentimento de cidadania deve ser contagiante e refletir no ciclo de afeto do aluno, como pais, vizinhos e amigos (Lawson et al., 2019).

Durante a Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento, em 1992, no Rio de Janeiro, foi lançado o plano Agenda 21 com o conceito de Educação para o Desenvolvimento Sustentável, promovendo valores e atitudes necessárias para o desenvolvimento sustentável. A proposta estava alinhada com o conceito previamente definido no Relatório Brundtland da ONU (1987), que definia o desenvolvimento sustentável como "o desenvolvimento que atende às necessidades do presente sem comprometer a capacidade das gerações futuras de atender às suas próprias necessidades" (Brundtland, 1987, p. 41). Infelizmente, no entanto, vemos que as empresas muitas vezes adotam o termo - desenvolvimento sustentável - para suas iniciativas de *greenwashing*<sup>6</sup> e para ocultar práticas ilícitas. Nesse sentido, a educação torna-se uma ferramenta voltada para os interesses de uma economia centrada no valor financeiro, não permitindo uma transformação radical que altere a perspectiva dos alunos sobre os desafios atuais, idealmente voltados para valores que contemplem o bem-estar social integrados ao ecológico.

---

<sup>6</sup> Termo referente a ações de marketing que se utilizam de uma linguagem associada a práticas sustentáveis para fins de promoção ou construção de reputação, mas que não são de fato adotadas pela organização em questão.

---

Posteriormente, foi cunhado outro princípio - *Climate Change Education*<sup>7</sup> - que visa abordar os atuais problemas das alterações climáticas, que fazem cada vez mais parte do nosso quotidiano. A ideia é promover conhecimento com soluções práticas de mitigação e adaptação que possam ser implementadas localmente e impactar diretamente o território. Os alunos são convidados a serem agentes de mudança, respondendo aos apelos urgentes dos jovens para a ação. Nesse sentido, a educação em mudanças climáticas está mais conectada com aspectos de cidadania e aprendizagem transformadora, embora ainda não aborde uma investigação mais profunda para desenvolver o pensamento crítico sobre práticas como o consumismo e o sistema econômico atual. Além disso, a educação sobre mudanças climáticas deve estimular uma reflexão profunda sobre nosso papel como humanos e nossas interconexões com outros organismos vivos que habitam este planeta.

### 3. Uma abordagem educacional transformativa (e transgressora)

*A vida passa por tudo, por uma rocha, pela camada de ozônio, pelas geleiras. A vida vai dos oceanos à terra seca, atravessa de norte a sul, como uma brisa, a vida é esta travessia do organismo vivo do planeta para uma dimensão imaterial.*

(Krenak, 2019)

Em seu famoso artigo "Para que serve a educação?" (2004), David Orr argumenta que "o planeta não precisa de mais pessoas 'bem-sucedidas', mas de mais pacificadores, curandeiros, restauradores, contadores de histórias e amantes" (Orr, 2004, p. 52). No entanto, o sistema educacional parece querer produzir somente indivíduos para responder às necessidades de desenvolvimento do mercado e evolução econômica. A educação atual nos ensina a viver em um mundo que não existe mais.

Além disso, os padrões de comportamento que nos são ensinados ao longo da vida, e orientam nossos hábitos e crenças, nos desconectam da natureza. O desapego da "evolução" humana da natureza começou com Platão, Galileu, Descartes e Newton. A separação forjada por uma visão de dissociação entre o ser humano e a natureza criou sistemas que concebiam o mundo como uma máquina que podia ser dividida e "fixada" em partes (Orr, 2004, p.52).

As comunidades indígenas sentem que a natureza faz parte delas mesmas, pois tudo - natureza, humanos e não humanos - está conectado. Alguns povos nativos ameríndios, por exemplo, nem sequer possuem as palavras sociedade e natureza como conceitos separados em seu vocabulário (Scarano, 2019). Para esses povos, a Terra é um sistema vivo autorregulado e complexo, composto de emaranhados de relações interdependentes. Em sua hipótese de Gaia, Lovelock afirma que a Vida na Terra é uma comunidade de organismos inte-

---

<sup>7</sup> Educação em mudanças climáticas, em tradução livre.

---

ragindo uns com os outros e com seus arredores. Como habitantes deste planeta, estamos interconectados e interdependentes (Lovelock, 2016).

Herman (2016), com seu conceito de indigeneidade, baseado na sabedoria encontrada nas culturas tradicionais, reforça a importância do conhecimento holístico ao mesmo tempo em que utiliza os avanços de nosso tempo como humanidade. Essas percepções sobre o mundo vivo e dinâmico do qual fazemos parte impactam profundamente os processos de aprendizagem nos quais estamos imersos desde a infância. Ele argumenta que a eliminação da “superstição” e da “mágica” e a ideia de que a tecnologia deve superar a natureza para o melhoramento da humanidade, além de uma mentalidade estreita impulsionada pela economia, contribui para a emergência climática. Para ele, a solução pode vir de uma abordagem holística que abarque o conhecimento tradicional de povos nativos e originários para além da ciência (Herman, 2016).

Abordagens de aprendizagem transformadoras são essenciais para o surgimento de outras formas de viver, e qualquer mudança social precisa estar conectada a mudanças profundas nos sistemas educacionais, especialmente nas formas de ensinar e aprender. Paulo Freire dizia que a educação é um ato político onde se destacam protagonistas, histórias e visões de mundo, considerando os valores e crenças que as sociedades do tempo definem como verdade. Nesse sentido, ainda que enfrentemos enormes desafios para esta década, os valores e crenças adquiridos nas diretrizes do modelo tradicional de educação, especialmente nas sociedades ocidentais, reforçam a mentalidade econômica de ultrapassar as fronteiras planetárias (Freire, 2013; Raworth, 2017). Precisamos estabelecer uma visão não mais moldada para sucesso pessoal e competição, mas para saúde sistêmica, cocriação, colaboração e abundância (Wahl, 2016).

Precisamos fazer mais do que pensar em sustentabilidade. Precisamos nutrir e regenerar o padrão de interdependência socioecológica que sustenta a saúde dos humanos e do planeta. Precisamos apresentar a ideia de culturas regenerativas por meio de um paradigma holístico, reconectando humanos e natureza e promovendo mudanças sistêmicas com base em economias circulares, colaboração e visões sistêmicas (Wahl, 2016). Além disso, o território, a diversidade e as culturas locais são aspectos essenciais para a regeneração, criando uma abundância de experiências e perspectivas. A regeneração abre espaço para a diversidade, passando da História da separação dos seres humanos da natureza para a história do "interser", uma nova narrativa das relações com outros seres vivos.

A visão sistêmica envolve uma concepção da vida em termos de redes, um padrão não linear de relacionamentos e conexões. As percepções sistêmicas são muitas vezes tratadas como "novas", mas visões holísticas já guiaram muitas culturas ancestrais por milhares de anos. Alguns exemplos de aprendizado sistêmico são Bem Viver<sup>8</sup>, Decrescimento<sup>9</sup>, Economia Donut<sup>10</sup> (Raworth, 2017) e Economia Regenerativa<sup>11</sup>.

<sup>8</sup> <https://theconversation.com/buen-vivir-south-americas-rethinking-of-the-future-we-want-44507>

<sup>9</sup> Degrowth.info

<sup>10</sup> O que afinal é o Donut?

<sup>11</sup> Mestrado em Economia Regenerativa

---

Como a educação tradicional não dá conta de absorver tais conceitos e práticas em seus currículos com a velocidade que o mundo precisa, Organizações do Terceiro Setor, como o Instituto LivMundi, têm ocupado estes espaços, como importantes elos integradores entre organizações, comunidades e seus territórios que buscam sensibilizar e amplificar adoção de novos hábitos e comportamentos.

Nesse sentido, a proposta de abordagem educacional transformadora do Instituto LivMundi percebe o tema por meio de três referenciais: (1) reforçar a identidade individual para estar na coletividade, (2) conectar território de pertencimento e cidadania, e (3) destacar a importância da comunicação, das artes e do entretenimento.

### **3.1 Reforçar a identidade individual para estar em coletividade**

Identidade individual e coletiva são duas dimensões fundamentais para a dinâmica de movimentos sociais. Gamson argumenta que todo ativista que ingressa em um movimento social passa por um processo de ampliação, onde a identidade coletiva do movimento passa a fazer parte da definição do eu (Gamson, 1992). Assim, depois que as identidades individuais são trazidas para participar do movimento, elas são alteradas por meio de um processo de ampliação que, dependendo do tipo de movimento, pode ser expandida em diferentes graus que variam no tempo e no alcance do indivíduo (Johnston, Laranã e Gusfield, 1994; Saunders, 2009; Snow & McAdam, 2000).

Por outro lado, a identidade coletiva surge quando os indivíduos de um grupo coletivo compartilham valores, comportamentos e crenças em forte solidariedade e conexão de tal forma que lhes dá um novo significado e os diferencia de outros grupos. Esses valores e crenças são aqueles que o movimento deseja trazer à tona como uma nova verdade na tentativa de mudar o sistema (Jamilson, 2010; Johnston, 1994; Pichardo, 1987; Tarrow, 1983).

Muitos estudos abordam a emergência climática a partir de uma perspectiva sociológica, destacando como as mudanças climáticas podem causar efeitos emocionais para os afetados por eventos extremos (Klinenberg, 2020). No entanto, para os jovens que vivem diariamente uma realidade brutal de desigualdade social, estar vivo é como ter sorte. Eles sentem vulnerabilidade, solidão e ansiedade. Não se sentem parte da sociedade, que muitas vezes os rotula como alguém sem futuro e um problema sem solução. Como disse Flora, uma jovem ativista e curadora do Festival LivMundi em 2022, um relevante Festival socioambiental, “Fazer um retrato do futuro, como uma jovem negra, pode ser algo que nem existe. Então, é viver aqui e agora”. Nesse sentido, acreditamos que primeiramente esses jovens precisam desaprender o que foi dito sobre eles, para que possam *ser e assim vir a ser* (hooks, 2013). Precisam da liberdade de estar em um espaço seguro para se expressar, experimentar e crescer, sentindo-se acolhidos e ouvidos. Assim, fortalecer sua identidade individual e seu autoconhecimento é fundamental para a criação da coletividade. Como disse uma vez um dos meus colegas pesquisadores - precisamos humanizar o clima.

---

### 3.2 Conectar território de pertencimento e cidadania

Segundo o censo do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), o Brasil tem cerca de 47,3 milhões de jovens entre 15 e 29 anos, representando 26,4% da população. No entanto, apenas 13% desse número está cursando o ensino superior, 70% dos considerados pobres são negros, quase metade dos desempregados do país são jovens (46%) e dos ocupados (54%), apenas 27% têm seus direitos trabalhistas e previdenciários assegurados. Com base nas desigualdades econômicas, sociais e culturais, podemos dividir esse segmento em dois grupos distintos de jovens: os que conseguem usufruir a condição de 'ser jovem' e os que passam da infância diretamente para a idade adulta e ingressam no mercado de trabalho informal ou simplesmente entrar no crime (Silva, 2011).

Despertar a consciência socioambiental não é simples, principalmente em realidades complexas. O advento da tecnologia proporcionou vantagens inquestionáveis à existência humana, difundindo narrativas e visões de mundo que foram negligenciadas pela História. Por outro lado, porém, as tecnologias também contribuíram para desconectar os jovens de seu território de pertencimento. O mundo dos videogames costuma ser muito mais interessante do que o mundo real. Construir essas pontes e provocar um senso de cidadania e agência são fundamentais para envolver a geração jovem.

É importante trazer à tona esse termo - o território do pertencimento - porque ele é crucial para conectar os jovens sobre as mudanças climáticas e configura o contexto de atuação do Instituto LivMundi. É fundamental fortalecer os indivíduos e suas relações com seus territórios de pertencimento, sejam eles sociais, culturais, geográficos ou espirituais.

Paulo Freire defende que o principal objetivo da educação é tornar o aluno consciente da sua realidade, lendo o seu próprio mundo para o transformar (Freire, 2013), o que significa fazer da sua realidade e das suas especificidades um papel essencial no processo de aprendizagem. Paulo e seus professores, por exemplo, conduziram uma das experiências mais incríveis em uma pequena cidade do interior do Brasil chamada Angicos. Em apenas 40 horas, 300 adultos aprenderam a ler e escrever, além de se educarem em direitos trabalhistas e de cidadania. A metodologia consistiu, primeiramente, em trabalhar com palavras que faziam parte do cotidiano do aluno, como 'tijolo'. Em seguida, o educador perguntava quem sabia fazer tijolos, quanto vendiam, quem os comprava e quem lucrava mais – o dono ou o trabalhador que os fabricava. Assim, ao utilizarem a sua própria realidade, adquiriram muitos novos aprendizados úteis para a sua própria realidade. Desta forma, mais do que criar novos leitores, gerou novas possibilidades de trabalho e deu aos trabalhadores o tão sonhado poder de voto, ensinando sobre seus direitos. Ao conectar o seu território na jornada de aprendizagem, compreendendo seu espaço e comunidades, o aluno percebe como as mudanças climáticas interferem diariamente em sua realidade, despertando conhecimento cívico essencial para enfrentá-la.

---

### 3.3 Destacar a importância da comunicação, das artes e do entretenimento

O pensamento humano foi modelado por comportamentos que privilegiam certos valores e crenças enquanto negligenciam outros. A filosofia da racionalidade de Platão refutou a poesia e toda a arte que acessava as emoções, justificando que essas manifestações não eram a melhor parte da alma, colocando seus seguidores, o público, em posição de inferioridade (Havelock, 1963). No entanto, a poesia grega estava conectada de forma tão poderosa com o público que parecia não haver diferenciação entre eles e a própria mensagem. E talvez esse fosse o grande temor de Platão.

Historicamente, o instinto artístico dos seres humanos serviu como um valor de sobrevivência através das culturas e do tempo. Porém, esses mesmos recursos podem servir como força motriz para curar a separação emocional entre humanos e natureza, que está na raiz de nossa atual crise socioambiental, conectando a compreensão cognitiva à empatia emocional (Shrivastava, 2020), em uma proposta de multiletramentos. O objetivo social e político dos multiletramentos é situar professores e alunos como participantes ativos na mudança, os designers ativos de seus futuros (Cope & Kalantzis, 2000). Em geral, a pedagogia dos multiletramentos pode ser descrita como modelos de engajamento crítico efetivo com os valores, identidade, poder e design dos alunos (Cope & Kalantzis, 2000). O uso de multiletramentos em um ambiente de aprendizagem co-criativo, participativo e colaborativo é fundamental para despertar o engajamento cívico dos jovens (Jocson, 2015).

A metodologia do Instituto LivMundi ganha vida em Jornadas de Aprendizagem que promovem experiências de arte, entretenimento e comunicação que podem dar a esses jovens a chance de voltar a sonhar, enquanto criam, colaboram e aprendem, usando ferramentas digitais interativas, como Discord, Trello e Canva, além de dinâmicas gamificadas para potencializar o engajamento durante o percurso. A ideia é que esses jovens adquiram habilidades que permitam ir além de ampliar suas possibilidades profissionais, mas que transformem o olhar sobre eles mesmos.

Os jovens acessam e compartilham conteúdos com o grupo em atividades, engajando e amplificando o conhecimento. Eles fazem isso através de uma plataforma interativa, onde podem ter aulas assíncronas e escolher suas trilhas de aprendizagem, com os conteúdos mais relevantes a seus interesses e úteis ao desafio que deve realizar. Desta forma, tornam-se co-autores de suas próprias jornadas.

Como o foco principal são jovens em situação de vulnerabilidade econômica, são priorizadas escolas públicas estaduais e jovens entre 15 e 18 anos, além de dois educadores por escola. É essencial ressaltar a importância desses educadores para o êxito da Jornada. Eles apoiam como facilitadores e multiplicadores do processo e também vivem suas próprias jornadas transformadoras, acessando conteúdos que não são familiares a eles. Eles são envolvidos desde o início do planejamento da jornada e treinados para conduzir as dinâmicas, por exemplo. Caso necessário, são compartilhados conteúdos específicos para suprir gaps de

---

de competências dos educadores, como técnicas de facilitação, resolução de conflitos, capacitação para o uso das ferramentas utilizadas nas dinâmicas, contribuindo para impactar suas formas de atuar em suas escolas.

#### 4. A metodologia das jornadas de aprendizagem do Instituto Livmundi

As Jornadas de Aprendizagem do Instituto LivMundi articulam os três referenciais de sua abordagem educacional: (1) reforçar a identidade individual para estar na coletividade, (2) conectar território de pertencimento e cidadania, e (3) destacar a importância da comunicação, das artes e do entretenimento. As Jornadas buscam conectar diferentes juventudes brasileiras aos princípios de justiça climática e ações de engajamento cívico através da educação e da comunicação. O foco em jovens, sobretudo os em situação de vulnerabilidade econômica, justifica-se pelo potencial das juventudes como agentes de mudança de suas realidades individuais, de suas comunidades e de seus territórios, contribuindo para um futuro sustentável.

As Jornadas de Aprendizagem abordam não apenas a dimensão teórica, mas também prática, proporcionando aos jovens experiências significativas e concretas usando recursos de gamificação e design para que se conectem e se engajem ao longo do percurso, que culmina na realização de um desafio mobilizador associado a uma produção multimídia.

Além disso, a jornada destaca a importância das ferramentas de comunicação como instrumentos poderosos para disseminar ideias e mobilizar a sociedade. Os jovens aprendem a utilizar plataformas digitais e outras formas de comunicação como recurso para amplificar suas vozes e compartilhar mensagens sobre justiça climática que expandam a consciência crítica e inspirem ação e transformação.

A entrega final da jornada é um desafio mobilizador com o propósito de difundir, a partir de um produto de comunicação, a consciência crítica sobre justiça climática em seu território, multiplicando assim novos transgressores. Tal desafio ganha contornos mais concretos ao longo da jornada, pois é definido a partir do reconhecimento das demandas, capacidades e recursos do grupo e do território.

O foco no indivíduo é central à metodologia que o conduz a perceber-se como sujeito, cidadão e transgressor, capaz e motivado. O percurso é composto por quatro pilares que também nomeiam as etapas das Jornadas:

**1. Interser:** Este módulo é considerado o coração da jornada de aprendizagem. Aqui se inicia a transformação do indivíduo em sujeito, ou seja, o despertar da consciência crítica por meio da compreensão das relações de poder e opressão vigentes no mundo (Freire, 2003). Nessa perspectiva, podemos dizer que o Instituto LivMundi tem uma abordagem predominantemente ontológica, voltada para a compreensão do ser, uma abordagem holística que engloba mente, corpo e espírito, promovendo uma transformação potencialmente mais profunda que repensa não apenas as estratégias de mudança, mas também os fins para alcançá-la (Pashby e

---

Andreotti, 2020; hooks, 2004). Outra razão pela qual este módulo é considerado um momento desafiador é o sentimento sensível que eles trazem à tona, pois muitos jovens chegam ao projeto se sentindo excluídos da sociedade. Por isso, esses jovens precisam desaprender o que aprenderam para recuperar a confiança. Nesse sentido, o principal objetivo neste tópico é criar condições de aprendizagem e um espaço seguro que estimule os alunos a promover um comportamento transformador, reforçando a identidade individual para estar na coletividade. Desta forma, busca reforçar a autoestima dos jovens através de conteúdos e dinâmicas que trabalham autoconhecimento e consciência de suas possibilidades de escolhas em suas próprias jornadas de vida. Desta forma, fortalecem confiança neles próprios como indivíduos para que atuem também coletivamente, criando laços de afeto fundamentais para que se percebam como um grupo, uma comunidade. Nesta etapa são conduzidas práticas de autoconhecimento e conexão com o grupo, criando-se vínculos, fomentando confiança e segurança para habilitar um ambiente dialógico;

O corpo é uma ferramenta essencial no primeiro módulo, com diferentes atividades que combinam movimentos, danças e sons. Os jovens se sentem à vontade para trocar e expor suas confidências e medos e, assim, criar vínculos e uma identidade coletiva do grupo. No módulo Interser, todos os jovens devem gravar um vídeo com o celular respondendo à pergunta: Quem sou eu? O vídeo é postado na plataforma da comunidade onde os jovens podem interagir curtindo e comentando. Os encontros seguintes acontecem de forma orgânica, a partir do que é revelado nas trocas anteriores. É comum convidar participantes externos para falar sobre gênero e sexualidade, por exemplo.

**2. Ver, Sentir e Compreender:** O módulo está dividido em dois grandes temas – Justiça Climática e Território de Pertencimento e Cidadania. A abordagem se dá a partir de uma perspectiva epistemológica, promovendo a ampliação do conhecimento e do nível de pensamento dos participantes por meio de discussões sobre questões atuais que se interrelacionam com a compreensão do conceito de Justiça Climática (Pashby & Andreotti, 2020). Esses indivíduos, agora se vendo como parte de um grupo, seguem neste despertar de consciência para ver, sentir e compreender a urgência da crise. Nesta etapa são compartilhados conteúdos temáticos e realizadas dinâmicas que desenvolvem a consciência sobre a crise climática, sobre a influência das comunidades em promover mudanças, construindo repertório socioambiental. Temáticas abordadas incluem: justiça climática, Objetivos de Desenvolvimento Sustentável, Novas Economias, dimensões de seus próprios contextos, fatores que estimulam desigualdades, culturas tradicionais, povos originários, biodiversidade, soberania alimentar e outros assuntos relevantes ao

---

grupo e ao contexto. Nesta etapa também são abordados conteúdos conectados aos territórios de pertencimento de atuação do grupo, com dimensões objetivas e subjetivas, incluindo territórios geográficos, culturais e afetivos. Além disso, são trabalhadas dimensões de cidadania e civismo a partir de ferramentas e tecnologias que despertem imaginação crítica para a construção coletiva de futuros possíveis.

O tema Território de Pertencimento e Cidadania visa integrar aprendizados de Justiça Climática a partir de uma perspectiva local, incentivando os jovens a olharem criticamente seu território para identificar ameaças e potencialidades, estimulando seu papel como cidadãos que trabalham para melhorar a qualidade de vida em sua comunidade. Os jovens são motivados a pensar sobre isso a partir da pergunta: "O que você vê da sua janela?".

Os jovens têm acesso a um acervo de vídeos curtos produzidos pela ONG que apresentam os conceitos básicos de temas como decolonialidade, sabedoria indígena, cidadania, mudanças climáticas, ecofeminismo. Os vídeos são acessados por meio da plataforma digital e os jovens podem escolher aqueles cujos temas são mais instigantes e assisti-los de forma assíncrona. Nos quatro encontros presenciais que acontecem ao longo deste módulo, grupos com os mesmos interesses compartilham seus aprendizados com outros colegas por meio de apresentações. Essas apresentações podem ser no formato tradicional do PowerPoint ou usando a criatividade, como teatro, música ou vídeo. A ONG incentiva a aprendizagem co-criativa e colaborativa com base em conceitos de multimodalidades, oferecendo novas formas de pensar e construir significados como um processo de design, situando os alunos como designers ativos de futuros sociais (Jewitt, 2008). O principal objetivo deste módulo é adquirir conhecimentos que aumentem a sua consciência crítica e os oriente a atuar no seu território de pertencimento.

**3. Ficar Animado:** após o despertar da consciência sobre a urgência de mudanças impostas pela crise climática, são apresentadas alternativas para transformar a situação através de novas narrativas e da comunicação como contraponto às narrativas dominantes que forjaram a situação de emergência climática e injustiça social hoje vivenciadas. Esta etapa é centrada nas dimensões da comunicação como competência essencial para a construção de ações efetivas e sustentáveis. Conteúdos abordados incluem a história da comunicação e seu poder de mobilização e transformação ao longo do tempo, construção de narrativas, aspectos de culturas, mídias, multimodalidades, ativismo, ferramentas de *advocacy* e expressões audiovisuais;

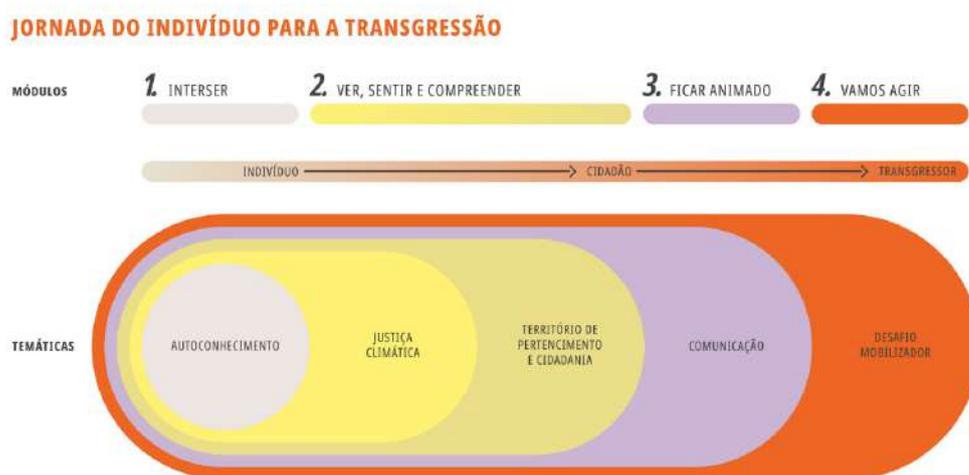
**4. Vamos Agir:** esta etapa articula conhecimentos e habilidades desenvolvidas ao longo da jornada para a produção de ações de comunicação que respondam a um desafio mobilizador. As ações podem ter formatos diversos, como exposições, festivais, podcast, rodas de conversa, filmes, expressões culturais, peças de mídias sociais e outras ações de comunicação que apoiem o jovens a disseminar seus novos saberes e despertem a consciência crítica sobre a temática em outras pessoas do território potencializando sua transformação.

As jornadas de aprendizagem são opcionais em horário alternativo à escola. Os alunos recebem uma bolsa de estudos para participar da atividade desde que cumpram os compromissos assumidos, como pontualidade e presença em sala de aula. Além disso, os alunos recebem um kit de participação, incluindo mensagens e lembranças de boas vindas e eventuais recursos para permitir a acessibilidade às ferramentas digitais e internet. A jornada acontece semanalmente durante quatro meses, totalizando dezesseis encontros, em que exploram questões socioambientais urgentes de seus territórios, à luz das mudanças climáticas e suas consequências para as suas comunidades.

Na busca de despertar sua consciência sobre esses desafios, são disponibilizadas ferramentas e conhecimentos para que possam se engajar ativamente na solução dessas questões, ativando o agir pelo sentir através de diálogos, artefatos para práticas gamificadas, como baralhos, e plataformas de tecnologia.

A Figura 1 ilustra as etapas da Jornada e seus módulos como expressão de sua metodologia.

**Figura 1:** Jornada de Aprendizagem do Instituto LivMundi.



---

O Instituto estimula a manutenção da rede de apoio e os laços afeto entre o grupo, por meio de encontros periódicos que acontecem ao longo de até 24 meses após o término da jornada. Além disso, esse acompanhamento pós permite que se tenha uma fotografia mais precisa dos impactos que a Jornada de Aprendizagem do LivMundi causou na vida de cada um deles, sejam impactos diretos ou irradiados.

Para a análise de impactos diretos tangíveis são contemplados a quantidade de participantes, horas de conteúdo, número de iniciativas criadas, pesquisas de satisfação dos participantes e realização dos desafios mobilizadores. Porém, a essência do trabalho do Instituto não é medida em estatísticas. Acontece de dentro para fora, a partir da transformação do jovem em sujeito consciente e crítico do seu papel como agente de transformação e comunicação de valores e crenças socioambientais em seu território. Esta avaliação é feita através de entrevistas sistemáticas qualitativas com participantes da jornada ao longo de vinte e quatro meses após a sua realização de forma presencial ou virtual.

Como impactos irradiados, são observadas e evidenciadas as iniciativas e conexões que emergirem a partir da Jornada e ao longo do tempo. Esta avaliação é também parte das entrevistas e encontros sistemáticos realizados ao longo de vinte e quatro meses após a realização da Jornada com participantes, mas também com pessoas impactadas por ela. Adicionalmente, realiza-se pesquisas qualitativas assíncronas em ambiente digital para obter maior abrangência, além de acompanhamento nas redes sociais de eventuais iniciativas identificadas. Desta forma, além de registrar efeitos multiplicadores gerados pela Jornada, esses contatos fortalecem o relacionamento com os *transgressores* e identificam novas demandas e questões com potencial para desenvolvimento de novas Jornadas e outras iniciativas do próprio Instituto LivMundi ou de sua rede.

## **5. Caso prático de jornada de aprendizagem do Instituto LivMundi**

O Instituto LivMundi já conduziu de forma exitosa algumas Jornadas de Aprendizagem em diferentes formatos, tendo em comum o propósito de impactar indivíduos, comunidades e territórios através da aplicação das etapas da metodologia. A Jornada LivMundi Região dos Lagos ilustra de forma prática o percurso proposto, além de evidenciar seus impactos quantitativos e qualitativos. É importante ressaltar que os aprendizados desta Jornada foram fundamentais para o aprimoramento tanto da metodologia, quanto dos formatos e ferramentas utilizadas, demonstrando que o próprio Instituto exercita sua crença no *aprender-fazendo*.

### **5.1 A Jornada LivMundi Região dos Lagos**

A Jornada LivMundi na Região dos Lagos (originalmente identificada como LivMundi Saber) buscou o olhar da espacialidade que une a todos no entorno da Lagoa de Araruama para trabalhar as percepções sobre este território, abordando questões relacionadas à ecologia e geografia, com enfoque nas dimensões físicas, biológicas, socioeconômicas e culturais. Os

---

jovens foram envolvidos na formação de uma comunidade virtual que investigou a região, com orientação da equipe de educadores, e alimentando seus vínculos territoriais.

Para participar do projeto, foram selecionadas 140 alunos e 07 professores para 02 meses de jornada 100% virtual, uma vez que ocorreu em meio à pandemia, em 06 escolas do ensino médio e fundamental II, de cada uma das cidades que margeiam a Lagoa: Araruama, Arraial do Cabo, Cabo Frio, Iguaba Grande, São Pedro da Aldeia, além de Saquarema.

A Jornada de Aprendizagem se concretizou em uma comunidade virtual, baseada em uma plataforma online exclusiva com fórum interativo da iniciativa, que foi alimentada pelos diálogos sobre as questões socioculturais, econômicas e ambientais da Lagoa de Araruama. As oficinas virtuais foram realizadas pela Plataforma Zoom onde foram tratados os conteúdos e realizados os exercícios e proposições, chamados “desafios”, incluindo mini desafios propostos como via para a conquista do desafio mobilizador final, em uma estratégia que utiliza princípios de gamificação para manter o engajamento e a motivação dos jovens estudantes e dos educadores.

O desafio mobilizador final proposto foi a produção de uma mídia audiovisual realizada pelos estudantes para conscientizar sobre os desafios socioambientais locais. Para tal os alunos roteirizaram, filmaram e editaram produtos audiovisuais sobre os temas levantados por eles a partir das suas vivências naquele território. Os vídeos foram reunidos e georreferenciados em um mapa interativo da região, e disponibilizados na plataforma. Ao final foram impressos mapas físicos distribuídos para as escolas com a finalidade de ser utilizado como ferramenta educativa co-criada pelos próprios estudantes e professores da escola, gerando também senso de pertencimento e orgulho pelo trabalho.

Importante ressaltar a atenção à fase de planejamento, onde a curadoria dos professores e das escolas participantes foi a base de mobilização dos estudantes. Para tal foram realizadas visitas técnicas ao território antes da pandemia a fim de conhecer e convidar as escolas e educadores para a parceria de realização do projeto a partir de seus históricos e desejos de engajamento com a pauta socioambiental, seja por projetos ambientais em curso, ou por interesse pessoal dos próprios educadores. Nesta fase, além do início da criação de vínculo com os educadores, foram identificadas questões do território que inspiraram a construção dos módulos, dinâmicas e conteúdos prévios disponibilizados na plataforma interativa.

O fluxo dos encontros foi construído para conduzir a jornada de transformação do indivíduo em cidadão e em transgressor, intenção central da metodologia, além de contemplar os objetivos dos quatro módulos da metodologia que orienta as Jornadas de Aprendizagem do Instituto LivMundi: *Interser, Ver Sentir e Compreender, Ficar Animado e Vamos Agir*. Vale ressaltar que essas denominações não foram aplicadas de forma explícita na Jornada LivMundi Região dos Lagos, mas seus propósitos se refletem nos três módulos executados na ocasião batizados de: *Tecendo a Rede, Que Território é Esse?* e *Nosso Mapa*. Tais denominações foram escolhidas pela conexão com o tempo disponível (dois meses) e com o desafio mobilizador, demonstrando a versatilidade e adaptabilidade da metodologia aos contextos e demandas, sem abrir mão dos objetivos, resultados e impactos desejados para as Jornadas de forma geral.

---

Desta forma, o primeiro módulo *Tecendo a Rede*, reuniu duas em duas escolas, portanto três encontros para contemplar todas as escolas. O segundo módulo *Que Território é Esse?*, já se deu de três em três escolas, portanto dois encontros, e o último módulo, *Nosso Mapa*, com todas as escolas. Todos intercalados por encontros reflexivos em cada escola. Assim, cada jovem participou de seis encontros, sempre com a presença dos educadores como facilitadores, além da equipe do LivMundi.

Os encontros foram pensados a fim de promover a interação entre os jovens das diferentes escolas, para formar ao final do projeto uma rede de troca no território do entorno da Lagoa de Araruama. Nesse sentido, o módulo da metodologia *Interser*, que busca autoconhecimento e criação de vínculos entre os participantes, acontece com mais destaque no primeiro módulo da Jornada LivMundi Região dos Lagos, *Tecendo a Rede*, mas se fortalece ao longo da Jornada com a conexão gradual de todas as escolas e descobertas de interesses em comum intra e extra Jornada.

A chegada dos alunos foi um passo marcante na trajetória do projeto, onde se realizou o primeiro contato com as ideias e com a forma de se tratar os conteúdos ambientais, sempre buscando o vínculo com a própria experiência e percepção sobre o território.

Desta forma, o primeiro módulo *Tecendo a Rede*, reuniu duas em duas escolas, portanto três encontros para contemplar todas as escolas. O segundo módulo *Que Território é Esse?*, já se deu de três em três escolas, portanto dois encontros, e o último módulo, *Nosso Mapa*, com todas as escolas. Todos intercalados por encontros reflexivos em cada escola. Assim, cada jovem participou de seis encontros, sempre com a presença dos educadores como facilitadores, além da equipe do LivMundi.

Os encontros foram pensados a fim de promover a interação entre os jovens das diferentes escolas, para formar ao final do projeto uma rede de troca no território do entorno da Lagoa de Araruama. Nesse sentido, o módulo da metodologia *Interser*, que busca autoconhecimento e criação de vínculos entre os participantes, acontece com mais destaque no primeiro módulo da Jornada LivMundi Região dos Lagos, *Tecendo a Rede*, mas se fortalece ao longo da Jornada com a conexão gradual de todas as escolas e descobertas de interesses em comum intra e extra Jornada.

A chegada dos alunos foi um passo marcante na trajetória do projeto, onde se realizou o primeiro contato com as ideias e com a forma de se tratar os conteúdos ambientais, sempre buscando o vínculo com a própria experiência e percepção sobre o território.

Já os módulos seguintes propostos pela metodologia central das Jornadas de Aprendizagem do Instituto LivMundi, *Ver Sentir e Compreender e Ficar Animado*, são trabalhados no módulo *Que Território é Esse*, nesta Jornada em questão, onde o foco foi provocar a percepção de cada jovem sobre seu território. Eles foram estimulados a “olhar pela janela”, metáfora para o espaço que convivem. Nesse sentido, provocou-se revelar o que é único e pertinente a cada lugar e o que é comum, pertinente a todos os habitantes do entorno da Lagoa de Araruama. Buscou-se ainda revelar quais as potencialidades do território, enten-

dendo justamente que o que está próximo e percebido pode ser a grande potencialidade local a ser estimulada.

A partir de uma nuvem de palavras (Figura 2) criada por eles para ilustrar seus interesses de aprofundamento, foram definidos os eixos temáticos trabalhados pelo grupo. Assim, os jovens se organizaram em grupos a partir de seus interesses pessoais, ultrapassando os limites territoriais de relacionamento e criando naturalmente grupos intermunicipais, alimentando trilhas de aprendizagem em torno desses temas. A partir desse momento, foi lançado o desafio mobilizador onde os grupos foram incentivados a explorar a temática escolhida e elaborar um vídeo de três minutos. Da mesma forma, formato, roteiro e edição foram estimulados sem restrições, deixando livre a escolha e a criatividade de cada grupo para o que achavam mais interessante.

**Figura 2:** Nuvem de Palavras do módulo Tecendo a Rede da Jornada LivMundi Região dos Lagos.



O último módulo, Nosso Mapa, foi dedicado à construção dos vídeos - o desafio mobilizador - o que se correlaciona com o módulo Vamos Agir, da proposta metodológica básica da Jornada de Aprendizagem do Instituto LivMundi. Os vídeos foram apresentados e comentados por convidados que participaram compartilhando seus conhecimentos específicos ao longo da jornada. Eles foram disponibilizados também em um mapa interativo (Figura 3), onde cada vídeo foi localizado em sua cidade, articulando e registrando as produções. Após a Jornada, este mapa foi impresso e enviado para cada escola, simbolizando não apenas a conquista do desafio, mas também enriquecendo o acervo de conteúdos da própria escola.



---

“Com certeza (a Jornada LivMundi Região dos Lagos) mudou a minha visão sobre o meu território e fez despertar um olhar mais crítico, aliado a um olhar mais carinhoso a respeito dele. Quando a gente traz a nossa opinião, a gente ganha voz.”

Cayssa Oliveira, estudante do CE 20 de Julho - Arraial do Cabo

“A gente aprendeu com o LivMundi a juntar os nossos próprios pensamentos em um objetivo comum. E tivemos esse privilégio de nos autoconhecer, auto ver, auto saber.”

Alex Terra, estudante do CIEP 146 - São Pedro da Aldeira

“Eu achei o formato do LivMundi maravilhoso porque todo mundo ali aprende junto, compartilha o seu saber, que poderia se integrar em muitas escolas. O professor aprende com o aluno e não só um fala e o outro escuta.

(...) O LivMundi mudou muito o meu pensamento, de olhar mais para o meu território. Eu consigo me conectar mais com a natureza e querer cuidar dela.”

Suellen Rodrigues, estudante do CE Paranhos - Iguaba Grande

Os professores Aline Mansur e Juliana Schaefer contam sobre o impacto que a Jornada gerou em suas atividades docentes e em suas transformações pessoais:

“Foi uma experiência muito rica. Para mim, como professora, no meu agir na escola é diferente, e em outras ações, abriu um leque de outras possibilidades. Teve momentos que, para mim, foi difícil aceitar essa nova forma. Foi uma experiência de desconstrução. Rompi várias coisas na formação do LivMundi.”

Aline Mansur, educadora do CE Miguel Couto - Cabo Frio

“O LivMundi trouxe muitas coisas boas para a gente, formamos um grupo muito legal de alunos, que depois continuamos com outras ações na escola, formamos o NEPAC, Núcleo de Estudos e Pesquisa de Ambientes Costeiros, onde promovemos diversas ações. Está muito legal, os alunos muito interessados, triplicou o número esse ano! Até entre os professores, a gente fez uma parceria dentro da escola, e a cada ano está aumentando esse número de pessoas impactadas.”

Juliana Schaefer, educadora do CE Miguel Couto - Cabo Frio

O impacto em comunidades e no território possui sua maior expressão com a criação do NEPAC (Núcleo de Estudos e Pesquisa de Ambientes Costeiros), como relatado pela educadora Juliana Schaefer acima. O NEPAC<sup>12</sup> é uma iniciativa de estudantes e professores do Colégio Estadual Miguel Couto, em Cabo Frio, originada em 2021, após a Jornada, e que já promoveu inúmeras pesquisas, mutirões, workshops e ações relacionadas a questões ambientais em Cabo Frio e seu entorno. O NEPAC é um impacto irradiado da Jornada LivMundi Região dos Lagos.

---

<sup>12</sup> Instagram do NEPAC: <https://www.instagram.com/nepac.cemc/>, consultado em 2 de julho de 2023.

---

A Jornada LivMundi Região dos Lagos exemplifica com sucesso a proposta das Jornadas de Aprendizagem do Instituto LivMundi. Observa-se que também cumpriu seu papel em complementar ao ensino formal, já responsável pela propagação de conteúdos temáticos preestabelecidos, ressaltando e valorizando o saber intrínseco a cada indivíduo na vivência e produção do seu espaço de convívio ou território, fundamental para promover e sustentar as transformações desejadas para a construção de futuros mais prósperos.

## 6. Conclusão

O artigo reflete sobre o enorme desafio que a crise climática nos impõe e o desencontro da tradicional educação para enfrentá-la. No texto foram apresentadas metodologias que endereçam a temática, porém mais sintonizadas com aspectos ambientais das mudanças climáticas, sendo que essa crise é antes de tudo social e cultural. Para promover uma mudança mais profunda na forma de ser e estar no mundo, o Instituto LivMundi realiza jornadas de aprendizagem para jovens e educadores com o propósito de despertar sua consciência crítica socioambiental a partir do fortalecimento da identidade individual de cada um para, assim, estar em coletividade e agir. Uma transformação que acontece de dentro para fora, tornando-os agentes de comunicação de valores e crenças socioambientais em seu território.

É inquestionável a importância da comunicação na história da humanidade, já que é por ela que se difundem valores e crenças vigentes, em sua maioria advindos de um pensamento hegemônico que aprofunda as desigualdades e contribui para a crise climática.

Por outro lado, sabemos que a academia enfrenta enorme desafio em comunicar de forma simples e acessível os efeitos dessa crise e o que precisamos fazer para enfrentá-la. Ao associar a crise climática a uma crise de comunicação, estimulando novas narrativas, o Instituto LivMundi efetiva tal despertar de consciência por meio da artes, cultura e entretenimento. Suas Jornadas de Aprendizagem são experiências de aprendizagem ativa, aproximando e engajando os participantes rumo às mudanças. Destaca-se a importância do educador como figura central na articulação e guia destas experiências, revelando novos caminhos e visões de mundo em sintonia com os desafios e complexidades do tempo presente.

Articular Crise Climática e Comunicação é uma proposta para uma educação que vai além, que questiona realidades e promove novos modos de ser, sentir e agir. Uma Educação Transgressora.

## Referências

Brundtland, G. H. Our common future—Call for action. **Environmental Conservation**, 14(4), 291-294, 1987.

---

COPE, B., & Kalantzis, M. (Eds.). **Multiliteracies: Literacy learning and the design of social futures**. Psychology Press, 2000.

FREIRE, Paulo. **Pedagogy of the oppressed**. Routledge, 2013.

GIDRON, Noam; HALL, Peter A. Populism as a problem of social integration. **Comparative Political Studies**, v. 53, n. 7, p. 1027-1059, 2020.

IPCC (2018). Global Warming of 1.5°C. An IPCC Special Report on the impacts of global warming of 1.5°C above pre-industrial levels and related global greenhouse gas emission pathways, in the context of strengthening the global response to the threat of climate change, sustainable development, and efforts to eradicate poverty [Masson-Delmotte, V., P. Zhai, H.-O. Pörtner, D. Roberts, J. Skea, P.R. Shukla, A. Pirani, W. Moufouma-Okia, C. Péan, R. Pidcock, S. Connors, J.B.R. Matthews, Y. Chen, X. Zhou, M.I. Gomis, E. Lonnoy, T. Maycock, M. Tignor, and T. Waterfield.

GAMSON, W. A., CROTEAU, D., HOYNES, W., SASSON, T. Media images and the social construction of reality. **Annual review of sociology**, 18(1), 373-393, 1992.

HERMAN, R. D. K. Traditional knowledge in a time of crisis: climate change, culture and communication. **Sustainability Science**, 11(1), 163-176, 2016.

HOOKS, B. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013.

JOCSON, K. M. New media literacies as social action: The centrality of pedagogy in the politics of knowledge production. **Curriculum Inquiry**, 45(1), 30-51, 2015.

JOHNSTON, H., Enrique, L. and Gusfield, J.R. 'Identities, grievances, and new social movements', in Laraña, E., Johnston, H. and Gusfield, J.R. (eds) **New social movements: from ideology to identity**, Philadelphia: Temple UP, 1994.

KESSLER, E. L. Climate change concern among youth: Examining the role of civics and institutional trust across 22 countries. **Education Policy Analysis Archives**, 29 (August-December), 124-124, 2021.

KLINENBERG, E., Araos, M., & Koslov, L. Sociology and the climate crisis. **Annual Review of Sociology**, p. 46, 649-669, 2020.

---

KRENAK, A. **Ideias para adiar o fim do mundo** (Nova edição). Editora Companhia das Letras, 2019.

LAWSON, Danielle F. et al. Children can foster climate change concern among their parents. **Nature Climate Change**, v. 9, n. 6, p. 458-462, 2019.

LOVELOCK, J. **Gaia: A new look at life on earth**. Oxford University Press, 2016.

LÜBKE, Christiane. Socioeconomic roots of climate change denial and uncertainty among the European population. **European Sociological Review**, v. 38, n. 1, p. 153-168, 2022.

MARION SUISEEYA, Kimberly R. et al. Waking from Paralysis: Revitalizing Conceptions of Climate Knowledge and Justice for More Effective Climate Action. **The ANNALS of the American Academy of Political and Social Science**, v. 700, n. 1, p. 166-182, 2022.

MELLUCI A. **Challenging Codes: Collective Action in the Information Age**. Cambridge: Cambridge Univ. Press, 1996.

MEIRELLES, R.; ATHAYDE, C. **Um país chamado favela: a maior pesquisa já feita sobre a favela brasileira**. Editora Gente Liv e Edit Ltd, 2016.

PASHBY, K., da Costa, M., Stein, S., & Andreotti, V. A meta-review of typologies of global citizenship education. **Comparative Education**, 56(2), 144-164, 2020.

PIZMONY-LEVY, Oren. Bridging the global and local in understanding curricula scripts: The case of environmental education. **Comparative Education Review**, v. 55, n. 4, p. 600-633, 2011.

ORR, D. **Earth in Mind – on education, environment and the human prospect**. Washington: Island Press, 2004.

RAWORTH, K. **Doughnut economics: seven ways to think like a 21st-century economist**. Chelsea Green Publishing, 2017.

SAUNDERS, C. 'Double-edged swords? Collective Identity and Solidarity in the Environment Movement.' **British Journal of Sociology** 59 (2): 227–53, 2008.

---

SCARANO, F. **Regenerantes de Gaia**. Dantes Editora, 2019.

Silva, R. S. D., & Silva, V. R. D. **Política Nacional de Juventude: trajetória e desafios**. Caderno CRH, 24(63), 663-678, 2011.

SNOW, D. A., & MCADAM, D. **Identity work processes in the context of social movements: Clarifying the identity/movement nexus**. Self, identity, and social movements, 13, 41-67, 2000.

SHRIVASTAVA, P., et al. **"Transforming sustainability science to generate positive social and environmental change globally."** One Earth 2.4, p. 329-340, 2020.

TAYLOR, P. **Higher education curricula for human and social development**, 2008.

WAHL, D. **Designing regenerative cultures**. Triarchy Press 2016.

WORLD Commission on Environment and Development, & Brundtland, G. H. Presentation of the Report of World Commission on Environment and Development to African and International and Non-governmental Organizations... June 7, 1987, Nairobi, Kenya. World Commission on Environment and Development, 1987.



A **Revista de Comunicação Dialógica** (RCD) é editada pela Faculdade de Comunicação Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro e está licenciada sob uma licença Creative Commons Atribuição- Não Comercial- Compartilha Igual 4.0 Não Adaptada.

**Link:** <http://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/>.

*Recebido em: 12/04/2023*  
*Aprovado em: 11/07/2023*